



SUSPIROS CURRICULARES EM TEMPOS DE PANDEMIA: ESPAÇOSTEMPOS VIRTUAIS E A FORMAÇÃO DOCENTE

CURRICULAR SHIRS IN PANDEMIC TIMES: VIRTUAL TIMESPACES AND TEACHER TRAINING

SUSPIROS CURRICULARES EN TIEMPOS DE PANDEMIA: ESPACIOSTIEMPOS VIRTUALES Y FORMACIÓN DOCENTE

Deluzia Daleprane Queiroz Péres¹
Larissa Ferreira Rodrigues Gomes²

RESUMO

Objetiva evidenciar as produções curriculares de um grupo de professores do Ensino Fundamental do Município de Vitória/ES durante a pandemia de COVID 19 em 2020 com o isolamento social e o ensino remoto como garantia das aulas. Problemática como ocorreu a reconfiguração dos *espaçostempos* escolares como virtuais. Destaca os dados produzidos via pesquisa de mestrado em andamento. Fundamenta-se nas contribuições teóricas de Kastrup (2008), Levy (2003), Gallo (2008) e, metodologicamente, apoia-se na cartografia (KASTRUP, 2008), como pesquisa-intervenção, mobilizando na produção de dados, recursos tecnológicos, como Google Meet, Murais Virtuais e aplicativos para participações coletivas, que possibilitaram conversações virtuais com professores, ampliando o compartilhamento das intensidades do momento. Destaca a relevância *espaçostempos* virtuais na produção educativa nas escolas, considerando a potência dos usos dos artefatos culturais tecnológicos e a potência da formação docente nesse período. Indica que em meio a um período tão singular e conturbado, foi possível produzir inventividades, currículos outros, de maneira colaborativa com o coletivo de professores e estudantes.

Submetido em: 04/07/2022 – Aceito em: 12/03/2022 – Publicado em: 11/01/2023

¹ Mestre em Educação (Universidade Federal do Espírito Santo/Ufes) na linha de pesquisa “Docência e gestão de processos educativos”. É especialista em Informática na Educação (Estácio de Sá), Educação profissional e Tecnológica (Instituto Federal do Espírito Santo / Ifes) e Filosofia e Psicanálise (Universidade Federal do Espírito Santo/Ufes). Possui graduação em pedagogia (IESFAVI). Atualmente compõe a Gerência de Formação e Desenvolvimento em Educação na Coordenação de Tecnologias Educacionais da Secretaria Municipal de Educação de Vitória/ES. E-mail: deluziadaleprane@gmail.com.

² Doutora em Educação (Universidade Federal do Espírito Santo/UFES), Mestre em Educação (Universidade Federal do Espírito Santo/UFES) na linha de pesquisa “Cultura, currículo e formação de educadores”. Possui Licenciatura Plena em Educação Física (Universidade Federal do Espírito Santo/UFES) e Licenciatura em Pedagogia (ISEAT). Atualmente é professora da Educação Básica Técnica e Tecnológica na UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, no Centro de Educação Infantil CRIARTE e professora do Programa de Pós Graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE/UFES). Coordenadora do grupo de pesquisa do CNPQ Currículos, culturas juvenis e produção de subjetividades, membro do grupo de pesquisa Cotidiano escolar e currículo da UERJ e membro colegiado do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (NUPEC3)/ UFES. E-mail: larissa.rodrigues@ufes.br



PALAVRAS-CHAVE: Ensino remoto. Pandemia. Artefatos culturais tecnológicos. Formação docente. Currículo.

ABSTRACT

It aims to highlight the curricular productions of a group of elementary school teachers in the municipality of Vitória / ES during the COVID 19 pandemic in 2020 with social isolation and remote teaching as a guarantee of classes. It problematizes how the reconfiguration of school spaces-times as virtual occurred. It highlights the data produced via an ongoing master's research. It is based on the theoretical contributions of Kastrup (2008), Levy (2003), Gallo (2008) and, methodologically, it is based on cartography (KASTRUP, 2008), as an intervention research, mobilizing in the production of data, technological resources, such as Google Meet, Virtual Murals and applications for collective participation, which enabled virtual conversations with teachers, expanding the sharing of the intensities of the moment. It highlights the relevance of virtual spacetimes in educational production in schools, considering the potency of the uses of technological cultural artifacts and the potency of teacher training in this period. It indicates that in the midst of such a unique and troubled period, it was possible to produce inventiveness, other curricula, in a collaborative way with the collective of teachers and students.

KEYWORDS: Remote teaching. Pandemic. Technological cultural artifacts. Teacher training. Curriculum.

RESUMEN

Tiene como objetivo destacar las producciones curriculares de un grupo de docentes de la enseñanza fundamental del municipio de Vitória/ES durante la pandemia de la COVID 19 en 2020 con el aislamiento social y la enseñanza a distancia como garantía de clases. Problematisa cómo ocurrió la reconfiguración de los espacios-tiempos escolares como virtuales. Destaca los datos producidos a través de una investigación de maestría en curso. Se sustenta en los aportes teóricos de Kastrup (2008), Levy (2003), Gallo (2008) y, metodológicamente, se fundamenta en la cartografía (KASTRUP, 2008), como investigación de intervención, movilizándolo en la producción de datos, tecnologías recursos, como Google Meet, Muros Virtuales y aplicaciones para la participación colectiva, que posibilitaron conversaciones virtuales con los docentes, ampliando el compartir de las intensidades del momento. Destaca la relevancia de los espacios-tiempos virtuales en la producción educativa en las escuelas, considerando la potencia de los usos de los artefactos culturales tecnológicos y la potencia de la formación docente en este período. Indica que en medio de un período tan singular y convulso, fue posible producir inventiva, otros currículos, de manera colaborativa con el colectivo de docentes y estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza a distancia. Pandemia. Artefactos culturales tecnológicos. Formación de profesores. Currículum.

A PANDEMIA DE COVID 19, O DESMANTELAMENTO PROVISÓRIO DO ENSINO PRESENCIAL E A CRIAÇÃO DE OUTROS TERRITÓRIOS CURRICULARES

A doença COVID-19³ causada pelo coronavírus, trouxe mudanças radicais no cotidiano de toda a população mundial. Os primeiros casos da doença foram registrados em dezembro de 2019 na China. Desde então, a disseminação ocorreu de forma exponencial em todos os continentes.

³ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. [...] Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. [...] Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Fonte: Ministério da Saúde - <https://www.gov.br/saude/>.



No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decreta estado de pandemia e a população se vê em isolamento social, aprendendo novos modos de sobreviver.

Nesse cenário, escolas, faculdades e universidades em todo o Brasil precisaram suspender as aulas presenciais, substituindo-as pelo formato remoto, exigindo de estudantes e professores/as uma adaptação rápida às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

No Estado do Espírito Santo, a partir publicação do Decreto nº 4593-R, em 16 de março de 2020 no Diário Oficial, instituiu-se o Estado de Emergência em Saúde Pública, estabelecendo medidas sanitárias e administrativas para prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos decorrentes do surto de coronavírus (COVID-19). Dentre essas medidas, a suspensão das aulas presenciais e, conseqüentemente, o fechamento das escolas, universidades e faculdades das Redes de Ensino pública e privadas.

Com base no referido decreto, o Município de Vitória suspendeu as aulas na Rede Municipal de Educação e angústia e ansiedade foram sentimentos que invadiram os professores, estudantes e familiares. A Secretaria Municipal de Educação de Vitória iniciou um processo de estudos intenso, de modo a possibilitar formação para seus profissionais. Em pouco tempo foi preciso pensar e planejar em possibilidades de manutenção dos processos de ensino e de aprendizagens para a educação pública no município.

Dado este contexto, o presente artigo problematiza como ocorreram as produções curriculares de um grupo de professores durante a pandemia de COVID 19 em 2020 com o ensino remoto. O cenário pandêmico, a necessidade de organização formativa e curricular configuraram-se com uma inquietação e na elaboração de outras questões, que operaram como um investimento de pesquisa, dentre os quais podemos ressaltar: como as escolas se organizaram para oferecer o ensino de forma remota? Na perspectiva dos professores que compuseram esta pesquisa, o ensino remoto atendeu as demandas curriculares do município? Quais as estratégias adotadas pelos professores para manter as aulas e o processo de *ensinoaprendizagem* aos estudantes matriculados na rede municipal de ensino de Vitória, ES?

As questões lançadas são coletivizadas, pois assumem um comprometimento ético-político, via pesquisa em educação, como possibilidade de aprendizagens, alimentando a partilha entre perguntas e respostas no próprio ato da curiosidade, ouvindo, conversando e provocando-nos como docência. Intencionamos, com estes escritos, nos afastar da solidão das respostas prontas e investir nos processos de criação pulsantes nas redes de conhecimentos e significações dentro e fora das escolas, com os sujeitos das escolas.

No sentido de movimentar-se dentre o relevante campo problemático destacado, o processo investigativo apoiou-se metodologicamente na cartografia de pesquisa, reconhecendo seu viés



de acompanhamento de processos ao considerar seu potencial como pesquisa-intervenção no “desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 2006, p. 23).

O desmantelamento provisório da educação presencial e a necessidade de uma nova organização emergencial para a manutenção dos vínculos afetivos e educacionais intensificaram a necessidade de tecer redes de conversações com um grupo de professores do Ensino Fundamental de Vitória, compreendendo a relevância da partilha de suas experiências, saberes e fazeres para a constituição da “conversação e ação inventiva na configuração do cotidiano escolar como comunidade compartilhada” (CARVALHO, 2009, p.15).

Para isso foi preciso realizar um investimento de análise da prática social e existencial dos professores, diante aos desafios impostos pela pandemia de Covid-19 à educação, nas contribuições teóricas de Kastrup (2008), Levy (2003), Gallo (2008). Nesse ínterim, realizamos conversações virtuais com um grupo de professores de uma escola municipal de Vitória, ES. Para auxiliar na produção de dados durante as conversas virtuais, contamos com o auxílio de alguns aplicativos de murais virtuais e de enquetes coletivas, como PadLet e Mentimeter, respectivamente.

A aposta está, em meio às redes de virtuais de conversações com/entre professores, de conhecer a forma com que a escola se organizou durante a pandemia de COVID 19 em 2020 com o ensino remoto, ampliando o debate para compreender de que modo os novos usos de artefatos culturais tecnológicos afetaram as produções curriculares dos professores e, visibilizar a potência do trabalho realizado por um grupo de professores de uma escola pública do município de Vitória, ES.

RASURAS ... ENTRE VIRTUAL E ATUAL ALGUNS POSSÍVEIS EDUCATIVOS COM A FORMAÇÃO DOCENTE

A tessitura de redes de conversações e de aprendizagens entre os professores e estudantes a partir de 16 de março de 2020 no município passou por uma resignificação, que no entendimento de muitos servidores, pesquisadores e estudiosos do campo da educação ganhava contornos mercantilizados e postos a interesses privados, mas que para a Secretaria Municipal de Educação de Vitória (SEME) perpassava pela urgência de oferta e de ampliação de processos formativos, com intuito de contribuir com os usos das tecnologias por parte dos professores, firmando parceria com a Google for Education e disponibilizando acessos à diversos aplicativos que ampliassem a interação com os estudantes que tivessem acesso à internet.



Foi registrado pela Secretaria de Educação uma grande demanda por parte dos professores em participar de oficinas e cursos que os qualificassem para o uso de aplicativos, plataformas e outras ferramentas digitais na nova configuração de ‘espaçostempos’⁴ escolares que estavam emergindo, como por exemplo, oficinas do Google for Education, contemplando os aplicativos do *WorkSpace*, personalizados para a rede de ensino de Vitória, intitulada de Plataforma Aprendevix.⁵ No decorrer dessas formações/oficinas, professores e estudantes produziam juntos outros processos de ensino e aprendizagem nos novos ‘espaçostempos’: as salas de aula virtuais.

A vivência de cotidianos escolares em espaços virtuais de aprendizagem ao mesmo tempo em que processos formativos para essas demandas ocorriam sinalizam para relevância do acompanhamento das rasuras produzidas com a escola, com a produção cotidiana de currículos que vão sendo tecidos pelos ‘paraticantespensantes’ (OLIVEIRA, 2012) nos ‘espaçostempos’ escolares.

Provocados por Alves (2012, p. 228), compreendemos que:

[...] é preciso compreender que vamos tendo que incorporar o que se passa em redes educativas fora das escolas como o que poderíamos chamar de “o outro dos currículos”, pois sua visibilidade crescente vem exigindo diálogos variados: ora são as mídias que nos exigem criação de ações curriculares novas; ora os movimentos sociais aparecem e exigem a incorporação de novos conteúdos e novas ideias, e assim por diante...

Assim, ampliamos os olhares para a composição de ‘espaçostempos’ de aprendizagens que se dão em um contexto de ensino remoto, como os espaços das salas de aula virtuais. Tudo o que foi produzido pelos professores, tudo o que escapou ao currículo prescrito, chamaremos de inventividades curriculares.

QUANDO A ARTE DO ENCONTRO MANTÉM O ESPERANÇAR NA EDUCAÇÃO: CONVERSAS COM AS DOCÊNCIAS EM SEUS SUSPIROS CURRICULARES

A EMEF Mangue do Canto, nome fictício, foi a escola campo de nossa pesquisa e está localizada na Região Administrativa IV,⁶ que compreende os bairros de Andorinhas • Bonfim • Da Penha • Itararé • Joana d'Arc • Maruípe • Santa Cecília • Santa Martha • Santos Dumont • São Benedito • São Cristóvão • Tabuazeiro. O bairro onde se localiza a escola é considerado de

⁴ Em todo o texto optamos por escrever algumas palavras juntas, por acreditar que não podem ser pensadas separadamente.

⁵ No ano de 2020 o Google *Workspace* era chamado de *GSuite*, que trata-se do conjunto de ferramentas que podem ser personalizadas de acordo com a necessidade dos professores e estudantes.

⁶ O município de Vitória possui nove (9) Regiões Administrativas, segundo Lei Nº 8.611 de 30 de dezembro de 2013.

periferia. A escolha deveu-se ao fato de que este bairro não possui pontos de internet gratuita para uso da comunidade. O único ponto em todo o bairro, situa-se dentro da EMEF Mangue do Canto. Por ser uma comunidade carente, a internet paga nos smartphones dos estudantes não é uma realidade frequente, por isso, a falta de conectividade implica diretamente no planejamento e produções dos professores que precisam considerar a principal forma de acesso dos estudantes.

Na tabela 1, apresentamos alguns dados da EMEF Mangue do Canto.

Tabela 1. Dados gerais da escola

EMEF MANGUE DO CANTO			
Turnos de Funcionamento / Modalidade	Matutino		
	Ensino Regular		
	1º ao 9º		
	Vespertino		
	Ensino Regular		
	1º ao 9º		
	Noturno		
	EJA – 1º ao 9º		
Estudantes atendidos por turno	M	V	N
	216	195	78
Quantitativo de servidores	77		
Possui laboratório de Informática?	Sim		
Quantitativo de computadores para uso dos professores	6		
Quantitativo de computadores para uso dos estudantes	20		

Fonte: Sistema de Gestão Escolar - <https://sge.vitoria.es.gov.br/> - acesso em Set / 2021

A cartografia foi nossa aposta metodológica, pois para Deleuze e Guattari a cartografia é um método rizomático em que os mapeamentos produzidos não são mapas físicos, mas são movimentos, jogo de subjetivações, enunciação... rizomas, pois

[...] o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói [...]. O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 30).

Nessa perspectiva, a cartografia amplia as possibilidades de refletir sobre as intensidades dos territórios estudados em todas as suas subjetividades, permitindo estabelecer conexões em seus múltiplos pontos.



Desse modo, o cartógrafo intervém no campo pesquisado e produz dados com os participantes. O percurso vai sendo desenhado na medida em que a investigação vai acontecendo. Essa característica da cartografia impulsiona a acreditar em sua potencialidade nas pesquisas em educação, pois o caminho se faz ao caminhar.

O pesquisador vai se construindo como cartógrafo quando participa, quando faz junto com o outro. A pesquisa não é dele ou minha... é nossa! Assim, tudo o que servir para criar sentido, será bem-vindo e ajudará a produzir dados de acordo com as intenções de pesquisa negociadas, criadas e inventadas.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (ROLNIK, 2006, p. 23).

Nos caminhos percorridos não há traços prontos, por isso, importa produzir outros traços e linhas com as relações produzidas no encontro com outros sujeitos, através da cartografia que se desenha ao trilhar... não carregando bagagem, pois não se sabe o que encontrar.

Assim, contamos com a participação de 46 professores da EMEF Mangue do Canto. Vivenciamos o cotidiano da escola, mas devido aos protocolos de biossegurança, os processos formativos que realizamos para a produção de nossa pesquisa foram feitos em formato remoto através do aplicativo *Meet* do Google.

Um grande desafio que nos perseguiu foi como se constituir cartógrafa através de encontros remotos. Tivemos que criar e fazer usos diferentes das tecnologias para possibilitar a produção colaborativa e “dar língua aos afetos que pediam passagem” (ROLNIK, 2006, p. 23).

Utilizamos o chat do Google *Meet*, e três plataformas distintas que possibilitaram a interação, conversas e narrativas textuais dos profissionais, a saber:

Google Classroom: com a criação de uma sala de aula virtual e fóruns para interação;

Padlet: plataforma que permite a criação de murais virtuais e a convergência midiática entre texto, imagem e som;

Mentimeter: plataforma que permite interação online e síncrona com todos os participantes no momento do encontro.

Nessa pesquisa-intervenção, realizamos dois encontros formativos, conforme as seguintes imagens:

**Figura 1.** Primeiro Encontro

Fonte: imagem produzida pela autora

**Figura 2.** Segundo Encontro

Fonte: imagem produzida pela autora

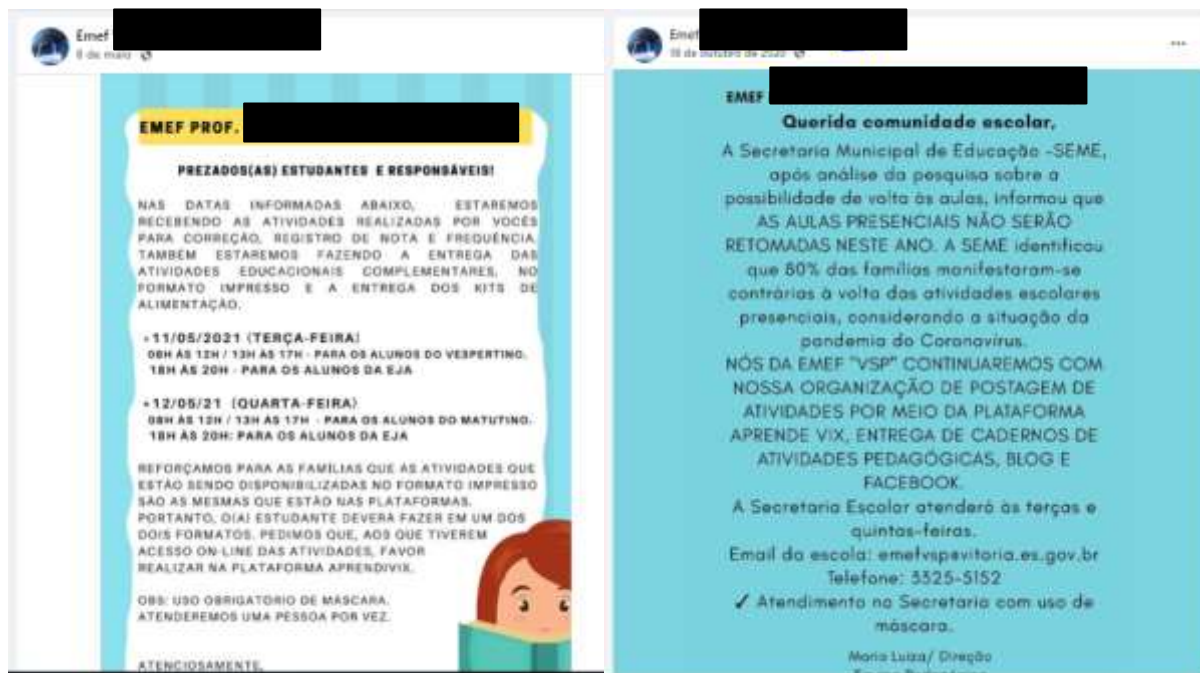
Através dos diversos recursos utilizados, foi possível a participação ativa dos professores, os diálogos entre eles, as conversas... usamos como disparadores imagens que movimentavam narrativas e, por muitas vezes, a narrativa deles despertava uma imagem.

ENSINO REMOTO NA EMEF MANGUE DO CANTO: E AGORA?

O começo do isolamento social com a suspensão das aulas presenciais, teve início no estado do Espírito Santo em 17 de março de 2020 de acordo com o Decreto N° 4597-R de 16/03/ 2020. A partir de então, sem muitas orientações e sem saber o que esperar, os professores iniciaram processos formativos ofertados pela SEME e iniciaram as tentativas de contato com os estudantes dentro do que se caracterizava como ensino remoto. O ensino remoto acontece apenas dentro do ambiente virtual e prioriza a transmissão das aulas em tempo real. Recursos midiáticos também podem ser utilizados como atividades complementares às aulas.

E então? Os estudantes participavam das atividades propostas? Como eram essas atividades? Como a escola se organizou para trabalhar de forma remota?

Saber como a escola se organizou no período do ensino remoto em 2020 foi uma de nossas inquietações, pois a maioria das famílias não possuía conectividade e equipamentos em casa para o acesso a internet, portanto iniciamos um processo de busca pelas redes sociais da escola, onde foi possível observar que a escola utilizou o Facebook como um dos principais canais de comunicação com as famílias.

**Figura 3.** Dia 8 de maio de 2020

Fonte: Print realizado do Facebook da EMEF Mangue do Canto

Figura 4. Dia 18 de outubro de 2020

Fonte: Print realizado do Facebook da EMEF Mangue do Canto

A maioria dos estudantes não possuía computador com internet em casa, mas possuía um celular, por isso, o acesso às redes sociais era mais prático para ser realizado via smartphones. Nem sempre têm internet, mas quando conseguiam colocar dados 4G, acessavam primeiramente as redes sociais. As imagens apresentam movimentos que viabilizam a comunicação entre família e escola. A primeira imagem, em maio de 2020, compartilha um cronograma com a entrega de atividades impressas. As mesmas atividades postadas na plataforma⁷ também foram adequadas para formato impresso e disponibilizadas aos estudantes sem acesso à Internet. A figura 4, postada no mês de outubro/2020 apresenta o resultado de uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Educação sobre o retorno das aulas presenciais, onde ficou definido que as aulas não seriam retomadas de maneira presencial naquele momento.

Dessa forma, conforme figura 3, no mês de maio de 2020 a escola já buscava novos modos de organização com novos usos das redes sociais.

Percebemos na escola um movimento de organização quanto aos estudantes que participavam das aulas online e das atividades na plataforma AprendeVix. No final do mês de julho, toda a comunidade escolar e profissionais da Rede passaram a contar com uma nova plataforma, a AprendeVix. A partir de um convênio com a Google Brasil, foi disponibilizado o Google

⁷ No mês de maio de 2020 a plataforma utilizada era a Aprimora.



WorkSpace for Education, que conta com diversos aplicativos. Professores e estudantes receberam contas Google com capacidade ilimitada de armazenamento nas nuvens.

A plataforma AprendeVix conta com todos os aplicativos do Google *WorkSpace* for Education, além do canal AprendeVix Seme no Youtube. Um dos aplicativos é o Google Sala de Aula ou Google Classroom, que é um ambiente para a criação de salas de aula, permitindo interação entre professores e estudantes.

As professoras trabalhavam com os pequenos grupos durante os movimentos síncronos, conforme a professora AP salienta: “Eu estou gostando de trabalhar com pequenos grupos. Consigo dar atenção para todos em um dia, perceber as individualidades. Mas o trabalho no Aprendevix é muito pequeno” (Digitado no Chat do Meet no dia de um encontro síncrono).

Dessa forma, grupos de Whatsapp foram fundamentais para estabelecer comunicação com os estudantes e famílias, conforme aponta a professora FSS: “Fizemos grupos com nossas turmas e encaminhávamos atividades por esse canal. A escola também tem um Facebook onde encaminhamos as informações” (Digitado no Chat do Meet no dia de um encontro síncrono).

Percebemos a importância das redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas para a organização das escolas no período do ensino remoto com o isolamento social, pois essas redes já fazem parte da cultura digital, que Pierry Levy chama de Cibercultura. Todo esse mundo do ciberespaço possibilita maior comunicação e interação, por isso foi fundamental a utilização desses espaços na EMEF Mangue do Canto para a comunicação da comunidade com a escola. De acordo do Pierry Levy:

O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 2003, p. 17).

O ciberespaço pensado na perspectiva da produção de movimentos curriculares, evidencia a potência do espaço virtual nos processos de ensinoaprendizagem de estudantes e professores.

Sobre toda a produção nesses espaços, a professora MLL salienta: “Produções muito preciosas e valiosas”. E ainda, a professora APN: “Embora angustiante esse novo mundo é desafiador e maravilhoso”!

As salas de aula virtuais criadas através do Google Sala de Aula são Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). A potência dos AVAs praticados por seus sujeitos



‘praticantespensantes’ elabora novos territórios fugidios, assim como anuncia Moreira (2020), ao deslocar o conceito de territórios em Deleuze; Guattari (1997):

O conceito de território auxilia-nos a pensar a formação docente a distância, sendo os AVA’s reconhecidos como um território com múltiplas passagens de forças, que, de modos incessantes, criam e agenciam movimentos que escapam do mesmo, do *template* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.20).

Dessa forma, ao pensar nos AVA’s como territórios com múltiplas passagens de força, é possível reconhecer os cartazes inseridos no mural de uma sala virtual como artefatos culturais também e esses usos se constituírem como redes de conhecimentos e significações tecidas entre professores e estudantes.

Em um sistema de aulas remotas e híbridas, consideramos o AVA como um território usado, vivenciado por professores e estudantes, um território praticado. Importa, portanto, cartografar as linhas de fuga inventadas / utilizadas pelos ‘praticantespensantes’ no sentido de desestabilizarem esse território, aparentemente fechado, para produzirem novos encontros, multiplicidades e agenciamentos, provocando as redes de conhecimentos e significações a se diferir.

USOS DOS ARTEFATOS CULTURAIS TECNOLÓGICOS

Percebemos durante os encontros para esta pesquisa, que os professores atribuíram novos usos aos equipamentos de *hardware* e *software* durante o período do ensino remoto. Esses novos usos foram fundamentais para ressignificar os ciberespaços para maior comunicação com os estudantes.

Desse modo, quanto aos novos usos das redes sociais, acessadas através de seus dispositivos tecnológicos que chamaremos de artefatos culturais tecnológicos, nos baseamos segundo o enfoque de Certeau (2014), que Carvalho; Silva (2009) resumem:

Certeau (2001), que entende por artefatos culturais todos os produtos disponibilizados pelo poder proprietário, variando de produtos tecnológicos a simples recursos materiais ordinários que são usados pelos praticantes em seus cotidianos [...] (CARVALHO; SILVA, 2009, p.6).

Dessa forma, quando perguntados sobre os usos dos artefatos culturais tecnológicos durante o período do isolamento em 2020, alguns responderam através do Mentimeter:

“Nos transformamos em mágicos. Utilizando as mais variadas tecnologias sem nenhuma experiência. Apreendi, inclusive a criar cruzadinhas, caça palavras etc etc etc”. (Professora X)



“Na medida em que o tempo foi passando foi necessário utilizar o fone de ouvido não usava antes. O mouse foi um grande aliado. O ZAP foi fundamental para a comunicação. Reuniões no meet hiper necessárias” (Professora Y)

“Aprendi a usar o Canva pra tudo. Desde fazer atividade para os alunos, até apresentações!” (Professora W)

“Aprendi a transformar o Google Forms em jogo educativo”. (Professora Z)

Novos usos foram atribuídos a artefatos antes nunca utilizados para este fim. Um ponto que podemos destacar foi com relação ao uso da rede social para mensagens instantâneas *Whatsapp*. Durante as conversações, muitas professoras narraram que esse aplicativo para *smartphone* foi fundamental para garantir a participação dos estudantes, pois foi criado um grupo para cada turma da escola, onde os professores davam as orientações.

Uso do celular aproximou o contato
com os estudantes para informar. Uso
do canva transformou os bilhetes.

Figura 5: Narrativa escrita da professora
Fonte: Print do Mentimeter

Um outro ponto de destaque foi com relação às aprendizagens. Como os professores precisaram aprender tantas ferramentas tecnológicas em tão pouco tempo, conforme salienta a Professora X, “os professores precisaram se transformar em mágicos”.

A FORMAÇÃO DOCENTE NO PERÍODO DO ENSINO REMOTO

Essa nova organização dos ‘espaçotempos’ escolares foi compondo com novas produções curriculares e, foi possível perceber quantas inventividades e novos modos de fazer educação esses profissionais foram capazes, mesmo sem investimentos por parte do município, já que Vitória não anunciou nenhum tipo de auxílio aos professores para a compra de equipamentos e investimento em tecnologia para qualificarem suas aulas.

“PMV não deu suporte financeiro para os servidores terem condições para facilitar nosso desempenho”. (Professor JM).

Toda a educação do município de Vitória, no período do Ensino Remoto, foi financiada por professores e estudantes e suas famílias, já que tiveram que usar de seus próprios recursos para a compra de equipamentos, sem nenhum tipo de auxílio.

Essas condições relatadas pelos professores em nossas conversas influenciaram diretamente em nosso campo problemático que buscou saber como ocorreram as produções curriculares desse grupo de professores durante a pandemia de COVID 19 em 2020 com o ensino remoto. Por isso, os processos formativos no ano de 2020 com o ensino remoto foi um disparador para a continuidade dos processos de ‘ensinoaprendizagem’ dos estudantes e professores, assim como a criação de currículos outros em ambientes virtuais.

Gostaríamos de tomar o conceito de professor militante de Silvio Gallo para dar forma ao momento vivenciado pelos professores com o ensino remoto, pois acreditamos que este professor, apesar de todas as dificuldades (que foram muitas) se propôs a produzir novos caminhos com seus estudantes.

Aí reside toda a diferença, o professor militante não quer operar mudanças a partir de sua visão individual, ele pretende a construção de um pensamento coletivo, deixa de ser uma causa individual enxergada pela ótica do que apenas um considera o mais importante, para enxergar no coletivo, traçando novos meios de pensar o presente e talvez vislumbrar um futuro em conjunto. [...] o professor militante é aquele que age coletivamente, para tocar a cada um dos indivíduos (GALLO, 2008, p. 61).

Em 2020 a Secretaria Municipal de Educação ofereceu inúmeros processos formativos para os professores, o que nos levou a pesquisar o documento da Política de Formação Continuada para Profissionais da Educação do município de Vitória, que foi construído com base nas demandas apresentadas pelos profissionais em registros avaliativos de encontros formativos nos mais diversos ‘espaçostempos’, bem como nas avaliações de pesquisas realizadas nos programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Desta forma:

Essa análise indicou que os processos formativos devem valorizar a prática reflexiva, a democratização do saber e do tempo de formação, permanecendo estes indicadores presentes nas pesquisas até o momento atual (Vitória, 2020, p.7).

Destaca ainda que, o conceito que permeia a Educação de Vitória:

[...] é o de que a formação deve mobilizar os saberes e os fazeres das profissionais da educação e deve ser construída de forma colaborativa com esses sujeitos (p.8).

Observa-se nessas duas passagens, que o documento da Política de Formação do município, prima por processos formativos que valorizem práticas reflexivas, além de evidenciar a construção desses processos de maneira colaborativa com os professores.

A rede de ensino de Vitória em 2020 investiu em formações em massa com caráter de oficina, onde os professores aprendiam a usar determinados aplicativos. Salientamos que em um contexto de ensino remoto, com aulas totalmente online, onde um grande número de



professores não tinha um conhecimento aprimorado com relação aos usos dos artefatos culturais tecnológicos, essas oficinas serviram em algum momento como disparadoras para quando os profissionais conseguiam realizar as associações com seus conteúdos para as aulas. Tudo era muito novo e pensar processos formativos com professores no formato remoto foi desafiador.

Sobre as formações oferecidas pela rede neste momento, algumas professoras comentaram no Chat do encontro no Google Meet:

MCS: “O que sei hoje, foi graças às formações!”

CFB: “Sim é verdade! As formações foram importantes mas as dúvidas surgiam no dia a dia”

E a professora MLL: “A questão colaborativa, a resiliência, empatia, foi muito marcante e ainda está sendo para todos nós!”

Observamos neste pequeno diálogo que as professoras reconhecem a importância dos momentos formativos, mas afirmam que as dúvidas vão surgindo ao longo dos dias com as vivências e, que devido a isso, foi fundamental o trabalho colaborativo no coletivo, pois se evidenciou constante ajuda por parte dos colegas que dominavam um pouco mais as ferramentas. E ainda, sobre isso, Silvio Gallo argumenta que “Não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individuações sem sujeito. Todo o projeto é coletivo. Todo o valor é coletivo. Todo o fracasso também” (GALLO, 2008, p. 69).

Não queremos aqui, de modo algum, defender as formações engessadas, com caráter de oficina de aplicativos para instrumentalizar professores que foram oferecidas pela SEME, pois acreditamos em processos formativos que valorizem movimentos de problematizar constantemente a prática dos professores. Assim, corroboramos o pensamento de Kastrup quando concebe um processo formativo “[...] como um dispositivo de aprendizagem inventiva para todos os participantes [...]” (KASTRUP, 2008, p. 127).

Mas discutimos que, naquele momento de isolamento social com o ensino remoto, onde professores se viram obrigados a utilizarem tecnologias, esses processos formativos com vistas a instrumentalizar os professores contribuíram de alguma forma como disparadores para o desenvolvimento de ideias de atividades que possibilitassem maior engajamento dos estudantes, onde estes produziam processos junto com seus professores.

Aprendi a usar o canva pra tudo.
Desde fazer atividade para os alunos,
até apresentações! Professora

FB

Figura 6: Narrativa escrita da professora FB

Fonte: Print de participação interativa por meio da plataforma Mentimeter.

Sobre os desafios desses processos formativos e com relação ao cotidiano escolar com o ensino remoto, a professora CFB comenta: “Foi e está sendo desafiador, muitas tensões. A questão do novo nos deixou muito apreensivos. A aprendizagem está em processo, inclusive a adaptação.”

E ainda, com relação à quantidade de formações e demandas que os professores precisavam dar conta, associando a todo o desgaste psicológico que estavam vivendo, este/a professor/a comentou sem se identificar, através da plataforma *Mentimeter*:

A tecnologia é fundamental para
educação. É necessário pensar nos
artefatos e na formação humana e
emocional. Professor nao é máquina.
É necessário Infraestrutura
tecnológica na escola para formação
dos professores , alunos....

Figura 7: Narrativa escrita de um/a professor/a

Fonte: Print de participação interativa por meio da plataforma Mentimeter.

Muitas foram as formações em 2020 e os professores se sentiam obrigados a realizarem para aprender, porém, as demandas com os estudantes, os planejamentos e toda a parte burocrática a ser realizada se mantinha ativa, ocasionando grande estresse.

UM SUSPIRO POR FAVOR!

As produções realizadas pelos professores da EMEF Mangue do Canto demonstram os suspiros curriculares através das inventividades produzidas. Apresentam o comprometimento daquele grupo de professores com os estudantes e sua aprendizagem. A bibliotecária E.U. comentou: “Como bibliotecária, tivemos que criar uma biblioteca virtual. Foi desafiador, mas ficou bem bacana, foi outra forma que a pandemia nos trouxe. O problema é a falta de acesso, por diversos motivos.”

Ela salienta que o acesso dos estudantes e famílias ao acervo digital criado foi aumentando com o tempo, mas que o importante foi iniciar este trabalho e disponibilizar livros aos estudantes.

A professora CFB nos contou: “Para trabalhar meus conteúdos, criei projetos e sempre contava histórias sobre eles. Posicionava o celular em um local adequado e me filmava contando as histórias. Percebi que quando postava esse tipo de vídeo, havia mais interesse dos estudantes.”



Figura 8: A história dos números

Fonte: Print do vídeo da história contada pela professora CFB

Os vídeos gravados pela professora CFB eram postados no Facebook da escola, no canal do Youtube da professora e também, posteriormente, na plataforma Aprendevix.

O contexto vivenciado pelos professores com o isolamento social, as formações oferecidas pela Secretaria de Educação, as formações que os professores buscavam individualmente, a necessidade de contribuir com a aprendizagem dos estudantes em um momento tão difícil e singular contribuiu com o brotar de estratégias, de invenções, de suspiros curriculares... pois segundo Marcelo Lazzarato “a invenção é um processo de criação de diferença que coloca em xeque, a cada vez, o ser em sua individuação” (LAZZARATO, 2006, p.46).

A professora FSS comentando o trabalho da professora CFB no chat: “Qdo a CFB fazia contação de história ela não estava sendo conteudista. Estava ensinando de uma forma diferenciada.”. Assim como outras propostas que vimos.

E ainda a professora FSS, de Educação Física, comentando sobre seu trabalho: “Até eu mesmo qdo sugeria atividades físicas diferentes para fazerem em casa.”

A professora FSS sugeria atividades que movimentavam os estudantes em casa. O que deixava as aulas super divertidas.

A professora BM, no mural virtual criado no PadLet, sobre suas produções:

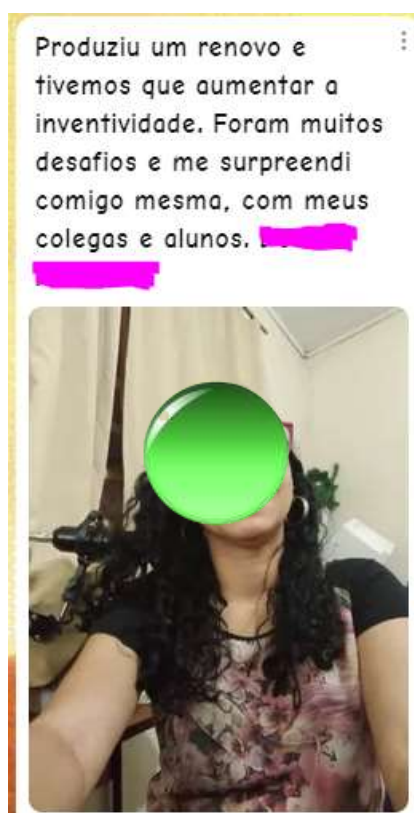


Figura 9: Professora BM
Fonte: Print do PadLet

A INVENÇÃO NA ORGANIZAÇÃO ... A INVENÇÃO EM TUDO!

Essa pesquisa-intervenção se apresentou como a própria invenção em si ao propor uma cartografia de forma virtual. A aposta nos encontros formativos com os ‘praticantespensantes’ do cotidiano escolar de maneira síncrona via Google *Meet* foi um disparador para potentes conversas.

Intencionamos mapear a forma com que a escola se organizou durante a pandemia de COVID-19 em 2020 com o ensino remoto, conversar sobre como os novos usos de artefatos culturais tecnológicos afetou as produções curriculares dos professores e, perceber a potência do trabalho



realizado por um grupo de professores de uma escola pública do município de Vitória, ES. Os usos dos artefatos culturais tecnológicos contribuíram com os processos de ensinoaprendizagem nos ambientes virtuais de aprendizagem usados, pois seus usos diferenciados nos ciberespaços (territórios virtuais), fizeram emergir experiências que movimentaram o pensamento dos *praticantespensantes* para a produção.

Percebemos que a organização da escola foi essencial para a manutenção dos processos de ‘ensinoaprendizagem’ em 2020 com o ensino remoto, onde os espaços virtuais nos novos tempos de aprendizagem com a pandemia foram fundamentais para a continuidade da aprendizagem dos estudantes.

As formações docentes foram em demasiado desgastantes, porém os professores perceberam potencialidades proveitosas. A plataforma AprendeVix enquanto território virtual contribuiu para repensar a formação docente, no sentido de possibilitar trabalho colaborativo e aprendizagem entre os professores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Currículos em ‘espaçotempos’ não escolares isso existe? – redes educativas como o outro em currículo. In: SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão; FAVACHO, André Márcio Picanço. **Políticas e práticas curriculares: desafios contemporâneos**. Curitiba. PR: CRV, 2012.

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra. Kretli. O Uso dos artefatos culturais como movimentos táticos e estratégicos, em espaços lisos e estriados, nos currículos praticados no cotidiano escolar. In: **Infância, territórios & temporalidades**. Revista Teias, v. 10, n. 20, PROPERJ / UERJ, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lucia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. V. 1. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção TRANS)

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KASTRUP, Virginia. Simpósio 3 — estratégias de resistência e criação. Competência ética e estratégias de resistência. In GUARESCHI, N., org. **Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 120-130. ISBN: 978-85-99662-90-8.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo: a política do império**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. 268 p



LEVY, Pierry (2003). **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora 34.

MOREIRA, Nilcea Elias Rodrigues. **Formação docente na Modalidade a Distância: encontros, afetos/afecções**. 2020. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2020.

PREFEITURA DE VITÓRIA. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos**. 2ª ed. Vitória, 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.